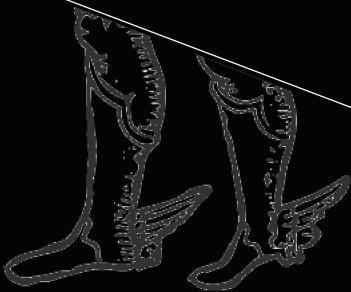


Monstruosidades estética e política

Daniel Serravalle de Sá
Marcio Markendorf
(Orgs.)



PREFÁCIO

Monstromania, monstrologia

Daniel Serravalle de Sá & Marcio Markendorf

As autoras e os autores deste volume entendem que vivemos em uma época de monstros e, juntos, decidimos explorar o que acontece quando se resolve estudar a monstruosidade na condição de discurso estético e político. Aquilo que chamamos de monstro ou de monstruoso é uma espécie de caso limítrofe, um fenômeno extremo, uma forma marginalizada, um caso de abjeção, um desafio epistemológico, sendo o conceito de fronteira necessário para a construção da identidade, seja aquela que se define como natural ou que aponta o desvio de formação.

Na gramática do monstruoso, as questões estéticas talvez sejam as que mais chamem atenção em um primeiro momento. Teóricos concordam que, no campo da monstruosidade, a aparência assume um aspecto dramático e, em geral, abriga a decodificação semiótica da personalidade – aparência feia/ser mau. Tudo o que se afasta da típica forma humana (os vegetais, os robôs, os insetos), as deformidades e as variações estruturais são elementos em conflito com a cultura vigente, traçando linhas divisoras e taxando de monstruoso o que está do outro lado da fronteira institucional imposta. Seja por excesso, exceção ou falta, seja por diferenciação ou hibridismo, o monstro é algo perturbador das categorias de normalidade e beleza, caracterizando uma

divergência em relação à regra estabelecida. Todavia, pensando além da estética, a questão basilar na construção do monstruoso diz respeito às funções e significados políticos assumidos por tais formas em contextos específicos, pois, o monstro atende a necessidades diversas no devir temporal, geográfico, corporal, sexual, tecnológico, entre outros.

Os ensaios deste livro utilizam um espectro diverso de praxes críticas para interrogar seus temas e objetos de estudo. Apesar das variações em método e abordagem, algo que unifica todos os textos, independentemente de suas balizas temporais e discursos específicos, é que o monstro representa um problema para a cultura da sua época. Nesse sentido, o monstro é um topos atemporal e protético. Podendo ser uma aberração física, um código, um desvio de padrão, uma presença ou uma ausência, o monstro é aquilo que invariavelmente perturba o que foi construído para ser recebido como natural, verdadeiro, intrínseco, genuíno, enfim, humano. Como grupo que se dedicou aos estudos sobre as teorias e os significados da monstruosidade, nós temos interesse pelas épocas, assuntos e pessoas que, em geral, são sub-representadas, e se olhamos para tais fronteiras, é apenas porque os monstros nos chamam para esses caminhos.

Para usar um termo de Mary Shelley, este livro é o *hideous progeny* de uma disciplina homônima ministrada em 2018.1, no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As leituras de textos teóricos e ficcionais, as tarefas e atividades semanais, os fichamentos e apresentações orais em sala de aula, seguidas das apresentações públicas no Simpósio de Monstruosidades, ocorrido no Auditório Elke Hering da Biblioteca Universitária, a escrita dos trabalhos finais para a disciplina, culminaram neste volume, dividido em seis partes. Tal divisão tem o intuito de organizar os diferentes ensaios, não de modo a limitar os textos

e seus significados singulares, mas, como forma de estabelecer uma cadeia de ressonâncias a respeito de temas conexos.

A parte I: Monstruosidades *queer*, inicia com o ensaio de Renata Santos da Silva, intitulado “A monstruosidade *queer* da personagem epônima de *Deus, essa gostosa*, de Rafael Campos Rocha”, no qual a autora discute as formas como a heteronormatividade binariza corpos e mentes, empurrando para a marginalidade uma gama de corpos e desejos não enquadrados no normativismo. Dentre esses, o corpo “marginal” da mulher negra – explorado na escravidão, vendido nas mídias, desejado nas ruas e flagelado pelo trabalho – é tido como monstruoso por sua identidade fronteira entre o desejo e a abjeção do outro normatizado(r). Nesse sentido, a autora discute o corpo feminino e negro que se permite experimentar todas as sensações possíveis de um corpo livre, desde o prazer até a sua dilaceração, na obra do cartunista Rafael Campos Rocha e sua personagem Deus. Um corpo não limitado às instituições heteronormativas e não caracterizado por nenhum gênero ou orientação sexual específica, porque é um corpo entre todas as possibilidades de corpos: um corpo *queer*.

Em “O *queer* como monstro na obra *Orlando* - Uma biografia, de Virginia Woolf”, Jéssica Rosa debate gênero e (trans)sexualidade no romance, em vista de uma sociedade que considerava e ainda considera algo monstruoso tais expressões, transformações e subversões de identidade. Ao reconstruir questões caras à cultura, a autora tem por base as teorias *queer*, as quais usa para demonstrar como *Orlando* (1928) coloca em xeque as contradições e as falsas aparências da burguesia, abrangendo um período temporal que vai desde a era Elisabetana até a sociedade pós-Vitoriana, trezentos e cinquenta anos depois.

A temática da parte I se encerra com o ensaio “O *queer* é o monstro: transexual e literatura contemporânea em As

fantasias eletivas”, no qual Luciane Bradbury utiliza o romance *As fantasias eletivas* (2014), de Carlos Henrique Schroeder, para debater a identidade daqueles que fogem ao padrão binário homem/mulher na sociedade contemporânea. Ao desenvolver uma análise de Copi, a personagem transexual da trama, a autora demonstra como discursos classificatórios e hierarquizantes produzem formas hegemônicas e naturalizadas da sexualidade. Nesse âmbito, as estruturas sociais predominantes descrevem alguns sujeitos como normais e naturais enquanto outros são taxados de anormais e monstros, algo que culmina na classificação de transexuais como sujeitos perversos e patologizados.

Na parte II: Monstros e transgressões, Raquel Maysa Keller apresenta o ensaio “O monstro canibal e o feminino em *Grave*”, no qual debate o tema do canibalismo no filme da cineasta francesa Julia Ducournau. Lançado em 2017, o audiovisual conta a história de Justine, uma jovem vegetariana que, ao ingressar na faculdade de veterinária, é obrigada a participar de trotes aplicados pelos veteranos – práticas que incluem ser banhada por sangue e comer fígado cru de animais. O corpo de Justine passa por transformações e ela se torna nesse processo (exterior/interior) uma canibal. Raquel Keller discute o canibalismo como uma metáfora dos ritos de passagem para a idade adulta (como no caso dos filmes de adolescentes) e da contenção do desejo e do ato sexual. A autora defende que essa vertente canibal em filmes de terror parece apontar para uma substituição das facas e dos objetos pontiagudos de penetração tão presentes nos *slasher movies*.

Em “As monstruosidades do Levítico: noções de puro e impuro na religião judaica e suas reverberações até hoje”, Erik Dorff Schmitz discute o papel das noções religiosas na criação de monstruosidades sociais, e como reverberam até os dias de hoje. As ideias do que seria puro e do que seria impuro nos

textos do Livro do Levítico – considerado a base legislativa da religião judaica antiga – se estendem por questões referentes a alimentação, sexualidade, gestação, enfermidades. Se no nível da religião tais rituais de depuração e limpeza são essencialmente atos de devoção, em outro nível, esse conjunto de normas ou códigos pode ser percebido em um diálogo em que cada um reivindica ou contesta determinados estatutos da sociedade: mas estudando de perto estas crenças descobre-se que os contatos que se julgam perigosos também transportam uma carga simbólica relacionada à monstrificação de outras culturas e povos.

No ensaio “A representação do lobisomem e a licanthropia como metáfora na série *Harry Potter*”, Natália Alves discute os lendários licantropos, seres bestiais e metamorfos existentes em muitas culturas em todo o mundo. Dentre as possíveis causas para a licanthropia, uma das mais conhecidas é o destino da pessoa mordida por um lobisomem, pois na próxima lua cheia ela também se tornará um. Nesse sentido, a maldição do lobisomem é discutida pela autora como uma metáfora de contágio das doenças transmissíveis, algo produtor de medo em relação aos infectados e a consequente exclusão social desse grupo. A partir de lendas e folclores a série *Harry Potter* (1998-2007) atualiza as discussões e os significados relacionados à licanthropia. Na série, os lobisomens Remus Lupin e Fenrir Greyback são obrigados a seguir um código de conduta, pois os personagens carregam o estigma da contaminação. No entanto, Lupin e Greyback agem de modo diferente em relação à repressão e normatização dos seus corpos pela sociedade bruxa.

Na parte III: Monstruosidades femininas, Cíntia Teixeira dos Santos apresenta o ensaio “*Femmes fatales*: a diabolização da mulher transformada em bruxa”, no qual analisa o processo de demonização da mulher, desde épocas medievais até os dias atuais, a partir dos filmes *The witch* (2015) e *The crucible* (1996).

A autora toma como base as ideias do historiador e filósofo Jules Michelet, sobretudo o argumento de que as mulheres frequentemente assumiam a responsabilidade pelas questões espirituais, estratégia que intenciona discutir como forças cristãs construíram ao longo dos séculos o ser feminino ao modo de algo temível e monstruoso. Além de afirmar o monopólio religioso, a demonização da mulher passa por questões de estética e moral, mulher transgressora (a bruxa) deve ser indesejável – em função do caráter, atitudes ou aparência –, pois a mulher desejável sexualmente torna-se também indesejável de acordo com os preceitos cristãos.

No ensaio “*Burn the witch: a sexualidade feminina como monstruosidade*”, Natália Pires da Silva discute e exemplifica dois estereótipos de bruxa (a boa e a má) existentes na cultura ocidental com o objetivo de entender o que torna a bruxa um ser monstruoso, uma vez que o poder sobrenatural é algo comum a ambas. Passando por excertos do livro *Malleus maleficarum* (1487) e para chegar na análise do filme *The witch* (2015), a autora demonstra como se construiu a bruxa maligna em associação com a sexualidade feminina, tida como repulsiva e má, na medida em que ameaça a estrutura social do casamento e da procriação. Mais recentemente, o entrelaçamento entre bruxaria e sexualidade tem sido discutido e ressignificado, a transgressão pode ser libertadora para uma mulher a partir do momento em que ela aceitar a própria sexualidade e se desprender de conceitos religiosos ou moralizantes, condições que reprimem o direito de exercer a esfera do erotismo e do desejo.

Em “O mito da Medusa: transgressão, castigo e monstrificação do feminino”, Luiza Salgado Mazzola aborda um dos monstros mais antigos da história do Ocidente. Dotada de uma beleza que encantou Poseidon, afrontou a deusa Atena e trouxe como consequência a morte pelas mãos de Perseu,

a Medusa constitui uma personagem lapidar para o estudo da monstrosidade feminina, não como vítima, mas como mulher transgressora. Estabelecendo uma relação entre mitologia, simbologia e monstrosidade, a autora concentra sua discussão no corpo dessa górgona (cabeça, cabelos, olhos petrificantes) com o propósito de compreender de que maneira tais elementos se combinam para a construção do horrorífico. A argumentação moralizante acerca da construção do mito demonstra o quanto a história da Medusa é essencial para análise da transgressão e da sexualidade como elementos primordiais no processo de monstrificação da mulher.

Na parte IV: Humanos e não humanos, Rafael Muniz Sens, no ensaio intitulado “Hierarquias pós-apocalípticas e monstruosas: *Heroes and villains*, de Angela Carter”, debate as conexões da literatura de Carter com o gótico, por meio de pastiches e subversões de discursos e gêneros textuais. Ambientado em pós-apocalipse nuclear-militar, *Heroes and villains* (1969) apresenta uma sociedade reorganizada em três castas: os professores (subdivididos em professores, soldados e trabalhadores), os bárbaros, e as *out people* ou pessoas marginalizadas. Entre rígidas hierarquias, atos de selvageria e monstrosidades, a ficção de Carter questiona o que caracteriza o humano e o não humano, o civilizado e o bárbaro, tudo em um cenário pós-apocalíptico no qual constam traços de misticismos e de lendas urbanas. O autor discute questões relacionadas a poder, corpo e gênero sexual, tematizando as deformações corporais, o abandono e a invisibilidade social das *out people* após o desastre radioativo.

Em “Subjetividade artificial e anêmica: humanos e replicantes na obra *Androides sonham com ovelhas elétricas?* de Philip K. Dick”, Lauro Luis Souza de Henrique debate o cenário do romance (datado de 1968), lugar no qual humanos e replicantes

(androides) vivem em conflito em um futuro apocalíptico. Diante das novas tecnologias emergentes, evidencia-se a fragilidade da definição de sujeito (o humano *versus* o maquínico), a busca dos replicantes por um lugar na sociedade (ou no mundo temporal) e a regulação das emoções e sensações humanas por meio de máquinas. Em virtude da hibridização entre homem e máquina e da extinção da maioria das espécies, é central ao romance o desejo do protagonista, Rick Deckard, de possuir um animal “verdadeiro” como forma de se afirmar humano. Partindo desse contexto, o ensaio de Lauro Henrique discute o conceito de monstro em função da angústia humana diante de uma crescente artificialidade, fenômeno produtor de impacto na construção da subjetividade e na fragmentação ontológica do sujeito.

No ensaio “‘Eu nasci. Você foi feita’ — As fronteiras entre humanos e robôs em *Westworld*”, Elisa Silva Ramos analisa a série epônima de televisão sob a perspectiva dos estudos do pós-humano. Em um parque de diversões onde visitantes humanos se divertem cometendo crimes e atos de violência contra robôs, questões limítrofes sobre moralidade, ética, direitos, vingança se tornam centrais na definição (e dissolução) do ser humano. Elisa Ramos argumenta que a questão da moralidade está diretamente conectada ao que se reconhece como humano e como máquina, sendo que a fronteira entre um e outro se torna cada vez mais indistinta. A autora parte de personagens femininas da série *Westworld* (2016 -), Dolores e Maeve, para desafiar definições ontológicas simplistas (seres humanos dotados de emoção, máquinas frias e calculistas), para demonstrar que no imaginário ficcional da mecanização do humano e da subjetivação da máquina os comportamentos se tornam irreconhecíveis.

Na parte V: Anomalias, abjeções e política, Eduavison Pacheco Cardoso desenvolve, em seu ensaio intitulado “O animal monstruoso e abjeto no trabalho literário de Hilda

Hilst”, uma leitura do conto “O unicórnio”, publicado no livro *Fluxo-floema* (1970), e da novela *Com os meus olhos de cão* (1986) a partir das noções de monstro e abjeto. No conto, o unicórnio de Hilst não é um animal adorável e garrido, como é frequentemente representado, e sim um ser desproporcional, híbrido e grotesco. Na novela, o personagem Amós Kéres se distancia gradualmente da sua vida profissional, da sua família e de tudo mais que caracteriza uma existência humana e passa a assumir um comportamento próprio de um cão, suscitando um autêntico devir animal. Destaca-se a configuração de monstros antropozoomórficos e zoomórficos presentes no trabalho de Hilda Hilst, demonstrando, em consonância com Julia Kristeva, como o animal monstruoso se justapõe ao conceito de abjeto.

Em “A monstruosidade política e a ressurreição dos mortos em *Incidente em Antares*”, Franciele Largue Hambrecht discute a representação dos mortos-vivos na obra de Érico Veríssimo, os defuntos levantam-se de seus caixões e dirigem-se à cidade quando é decretada uma greve geral na cidade de Antares, a qual conta com a adesão dos coveiros. A ressurreição, em plena luz do dia, provoca pânico na população ao verem surgir em estado de decomposição figuras conhecidas da pequena comunidade. A questão da divisão de classe é tematizada tanto na descrição dos caixões quanto na forma como os sete personagens “zumbis” retornam da morte para denunciar e revelar segredos, rompendo com a aparente normalidade da cidade e criando um caos social de ordem pública e privada. Escrito em 1971, o enredo se passa em 1963, ano que antecede o golpe militar no Brasil, de forma que o retorno dos mortos é debatido em chave alegórica, refletindo significados sociais e políticos.

No ensaio “Corpos em (de)formação: o ‘monstruoso’ nas *Flores bellatinianas*”, Luciane Bernardi de Souza desenvolve um estudo do peculiar romance *Flores* (2001), de Mario Bellatin, no

qual personagens transgridem padrões culturais e desestabilizam a natureza da “normalidade” biológica por meio de seus corpos anômalos, os quais, na sua maioria, se constituem a partir da ausência de membros gerada por equívocos da medicina ou por herança genética. O conceito de monstruoso emerge nas personagens bellatinianas, pensando sobre a materialidade biológica o corpo, mas, também ao modo de elemento simbólico, performático e em sua capacidade de mutação e devir. Em suas singularidades e anomalias, os corpos encontrados na obra de Bellatin nos falam sobre poder, uma vez que se opõem aos discursos de padrões sociais dominantes, e também de empatia e afeto, pois, na repulsa ao outro, ensinam a pensar e sentir a anomalia existente em nossos corpos.

Na parte VI: Estética musical e política, Peterson Roberto da Silva, no seu ensaio “Discursos sobre a monstruosidade em *Tropa de Elite*”, avalia a desigualdade de poder nos filmes de Padilha (2007 e 2010) para demonstrar como o monstro é um subproduto de discussões contextuais e contingentes sobre os limites e valores (estéticos, morais) – elementos definidores do humano. Caracterizar algo/alguém como monstro é essencializar comportamentos legitimadores de situações de extermínio ou exílio em oposição a formas de acordo e convívio. Dentro de uma ética que tem por horizonte a não violência, o verdadeiro monstro seria aquele que caracteriza outros humanos como monstros. O processo discursivo mascara uma desigualdade estrutural de poder, sendo incapaz assim de observar como a mesma estratégia discursiva (da monstruosidade) pode produzir diferentes efeitos políticos.

Em “O som do horror: corporeidade e abjeção na performance de Diamanda Galás”, Cristiano dos Passos se debruça sobre a obra sonora da cantora e pianista Diamanda Galás, com especial atenção à performance do poema do

expressionista Georg Heym intitulado “Das Fieberspital” (1911), o qual aborda o sofrimento de pacientes em estágio terminal de febre amarela em um hospital. A tradução-performance de Diamanda Galás, marcada pela fúria vocal sobre uma base de piano e ruídos eletrônicos, provoca na audiência abjeção e mal-estar, materializando talvez de forma mais visceral a sensação de dor contida no poema. Para Cristiano Passos, o corpo, enquanto veículo intersemiótico, é um elemento central na discussão sobre abjeção, capaz de promover reflexões sobre noções de subjetividade e alteridade.

Em “*A essência do mal*, de Luca D’Andrea, e sua tradução para o português brasileiro”, a professora Karine Simoni discute a posição periférica da ficção gótica no cânone da literatura italiana. Embora não se possa dizer que a Itália tenha uma tradição bem estabelecida nesse gênero narrativo, o romance *La sostanza del male* (2016), traduzido e analisado por Simoni, faz uso de temáticas, cenários e convenções literárias que o inserem no modo gótico. O ensaio apresenta o romance e tece comentários acerca do processo de tradução, destacando os elementos constitutivos do terror na narrativa e avaliando como esses mesmos elementos (léxico, ritmo, sintaxe) nortearam o projeto de tradução para o português.

Por fim, gostaríamos de registrar nossos sinceros agradecimentos às autoras, aos autores, ao conselho editorial e demais colaboradoras e colaboradores deste livro. Agradecemos, também, as contribuições do professor Alexandre Linck Vargas, professor convidado para a palestra de abertura do simpósio, intitulada “Um monstro na sarjeta, um outro à espreita: teratopatia e identidades precárias”, e da professora Aglair Maria Bernardo, responsável pela palestra de encerramento, “Para além da beleza e da feiura”. Agradecemos, ainda, ao Programa de Pós-graduação em Literatura da UFSC por nos

propiciar um conjunto de oportunidades e circunstâncias para a publicação deste *e-book*.

As imagens utilizadas neste livro pertencem aos seus autores e/ou aos que lhe são conexos (Lei nº 9.610/1998), e nós as colocamos à disposição do público apenas enquanto citação ou referência à obra original. Nosso livro tem fins educacionais e distribuição gratuita, o objetivo aqui é a democratização da informação, do conhecimento e da cultura, conceitos essenciais para o desenvolvimento da educação.

Boas leituras!